

CONCEPÇÕES INFANTIS SOBRE A CRIAÇÃO VERBAL NA ATIVIDADE DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Hallana Fernandes de Almeida Pacheco¹
Lia da Rocha Lordelo²

RESUMO

Este estudo possui como objetivo compreender de que forma as crianças significam sua experiência de criação no contexto da contação de histórias. Para tanto, foi desenvolvida uma investigação com abordagem qualitativa e descritiva, em que foi utilizada como estratégia metodológica o estudo de caso múltiplos com 04 crianças nas idades entre 05 e 07 anos. A construção dos dados se deu através de vídeo-entrevistas individuais com as crianças, adaptadas ao formato de uma conversa informal através da Plataforma Zoom. Os dados foram submetidos à análise microgenética e agrupados em categorias. Os resultados demonstraram que as crianças identificaram as bases orgânicas e culturais para a criação verbal, as relações entre as atividades criadoras, os recursos de apoio para as suas criações verbais, e caracterizaram a atividade criadora verbal de maneira semelhante a como a psicologia histórico-cultural compreende o fenômeno. Em vias de conclusão, este estudo demonstrou que as crianças sabem mais sobre si e sobre seus processos imaginativos do que podemos supor, reafirmando a importância de escutar as vozes infantis durante a investigação científica.

Palavras-chave: atividade criadora, imaginação, criança, histórias, psicologia histórico-cultural.

INTRODUÇÃO

Desde a mais tenra idade a atividade de contação de histórias é cultivada nas mais diversas culturas, prática na qual as crianças são inseridas inicialmente como ouvintes das histórias compartilhadas pelos adultos, para depois incorporá-las em suas brincadeiras e demais atividades criadoras através de encenações e produção autoral. Na contação de histórias, a criança se apropria do mundo cultural, pois através delas são compartilhadas as convenções sociais, o que as torna uma prática social (Jovchelovitch, Priego-Hernandes & Glăveanu, 2018). Além do mais, histórias têm sido consideradas como elemento essencial para a imaginação das crianças, uma vez que os contos

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Email: hallana.psi@gmail.com

² Professora de Artes no Centro de Cultura, linguagens e tecnologias aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB); professora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Email: lialordelo@gmail.com

literários ou informais impulsionam constantemente a criação de imagens na mente infantil (Girardello, 2011), incentivando o pensamento por imagens.

Segundo Vigotski (1930/2009) a criação de algo, ocorre através da combinação e reelaboração dos elementos da experiência por meio da imaginação. Desta forma, a imaginação é considerada como base de toda criação, sendo esta o produto daquela. A imaginação, como base de qualquer atividade criadora, perpassa todos os campos de produção cultural da vida humana, desde as criações artísticas às científicas e técnicas. Assim, pode-se dizer que tudo aquilo que existe no mundo (excetuando-se a natureza), ou seja, toda a realidade material desenvolvida ao longo dos anos foi produzida pela criação humana, está baseada na imaginação e constitui o mundo cultural (Vigotski, 1930/2009). Nesta perspectiva, a criação é compreendida como uma atividade ou como um processo (Smolka, 2009), e toda atividade que resulte na criação de novas imagens ou ações é denominada por Vigotski (1930/2009) de atividade criadora.

Nas definições das crianças, a imaginação é denominada como um processo mental que se origina no cérebro, tem relação com os pensamentos, é organizadora da ação e onde as criações se originam (Vieira, 2015). Outras crianças definem a imaginação como pensamentos através dos quais são formadas imagens mentais que podem criar uma cena diferente da realidade e entendem que o processo criador acontece no campo imaginativo, sendo expresso através da narrativa na contação e criação de histórias (Silva, 2019). A imaginação também é associada pelas crianças com ideias que provém do cérebro, e por serem autorais e inventivas, são caracterizadas como fictícias (Silva, 2006; Brito, 2016). Ao mesmo tempo, a imaginação também é qualificada como *locus* de liberdade e campo de expressão das emoções (Silva, 2006), e por conta das emoções reais que são desencadeadas durante o processo imaginativo na contação de história, é atribuída a qualidade de veracidade à imaginação (Silva, 2019).

Considera-se que a psicologia infantil deve se debruçar sobre os processos de criação na infância e o papel que possuem sobre o desenvolvimento da criança (Vigotski, 1930/2009). Este postulado é investigado na perspectiva histórico-cultural através de estudos sobre a imaginação e processos criadores de crianças nas mais diversas atividades. Contudo, a percepção das crianças sobre o seu processo criador, articulado ao desenvolvimento de uma atividade criadora, é abordada na literatura através de resultados pontuais em suas falas, que emergiram em pesquisas que possuíam outros objetivos, e que não chegaram a discutir estes dados de maneira aprofundada.

Deste modo, define-se como objetivo deste estudo compreender de que forma as crianças significam sua experiência de criação no contexto da contação de histórias, reafirmando a importância de escutar as vozes infantis durante a investigação científica.

MÉTODO

Considerando a ética na investigação com crianças, se faz necessário adotar metodologias de pesquisa que privilegiam as suas experiências sob a visão da própria criança. Com isso, pretende-se compreender a rede de significados elaborada por elas através delas próprias, considerando-as como atores sociais em seus processos (Delgado & Muller, 2005). Assim, esta pesquisa possui abordagem qualitativa e descritiva, com foco nos significados que as crianças atribuem às suas experiências de criação verbal, que foram interpretados a partir do enfoque da psicologia histórico-cultural. Embora nas pesquisas qualitativas a construção dos dados³ ocorra, na maioria das vezes, no ambiente onde as pessoas vivem ou frequentam (Creswell, 2010), a Pandemia da Covid-19 e o distanciamento social gerado a partir dela, demandou a utilização de instrumentos e procedimentos adaptados ao momento atual.

Como estratégia de investigação foi utilizado o estudo de casos múltiplos com 04 crianças nas idades entre 05 e 07 anos, sendo 02 meninos e 02 meninas. O estudo de caso é um dos procedimentos teórico-metodológicos mais utilizados nas pesquisas qualitativas com crianças, dada a possibilidade de descrição densa e complexa do caso em questão, abordando profundamente os aspectos que compõem o objeto, sem ferir a unidade do caso (Filho & Barbosa, 2010). Compreende-se que a partir das particularidades de um caso podemos observar aspectos relacionados com os demais, pois “a natureza própria do observado integra-se, necessariamente, na natureza universal” (Delgado, 2019 p. 03).

TABELA 01

Perfil das crianças participantes da pesquisa⁴

Nome	Idade	Etnia	Escolaridade	Escola	Cidade
------	-------	-------	--------------	--------	--------

³ Embora o autor citado utilize o termo “coleta de dados”, nesta pesquisa será adotado o viés de construção de dados, que ocorre com o próprio desenvolvimento da pesquisa na interação entre pesquisador e participantes.

⁴ Os nomes de identificação das crianças são fictícios e atribuídos pela pesquisadora.

Homem de Ferro	05 anos	Branca	Não-alfabetizado	Privada	Salvador
Carol	06 anos e 03 meses	Branca	Não-alfabetizada	Privada	Salvador
Chapeuzinho	06 anos	Branca	Alfabetizada	Privada	Salvador
Vermelho					
June	07 anos e 04 meses	Parda	Alfabetizado	Privada	Várzea da Roça

Este estudo é o recorte de uma pesquisa mais ampla, e para esta investigação a construção dos dados ocorreu através de vídeo-entrevistas individuais com as crianças, seguindo um roteiro semiestruturado pré-estabelecido, mas adequado ao formato de uma conversa informal, que tem demonstrado ser uma estratégia mais eficaz na pesquisa com crianças do que a realização de uma entrevista estruturada (Sousa, 2015).

As entrevistas ocorreram através da Plataforma Zoom por meio de um notebook conectado à internet, onde foram gravadas e armazenadas. Durante os encontros, as crianças utilizaram celular, tablet e notebook. Por fim, os dados foram submetidos à análise microgenética, procedimento tradicionalmente utilizado em estudos no campo da teoria histórico-cultural (Góes, 2000). Todos os procedimentos éticos foram observados: aprovação pelo Comitê de Ética da Universidade Federal da Bahia; assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos responsáveis legais das crianças; assinatura do Termo de Assentimento pelas crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Base orgânica para a criação verbal

Ao falar sobre a origem dos processos criadores, as crianças identificaram no cérebro a base orgânica para a criação verbal, como foi expressa através da fala de Homem de Ferro (05 anos). A criança correlaciona os processos mentais ao estrato material orgânico existente em sua cabeça, e através do qual ele realiza a ação de pensar. Por sua fala, Homem de Ferro afirma que há uma ação interna na elaboração de uma história, ação esta que ele realiza em seu cérebro. Segundo Vigotski (1930/2009) além de conservar a experiência anterior através da memória, o cérebro humano também oferece as condições orgânicas para o comportamento criador, através da recombinação dos elementos acumulados pela experiência anterior.

Homem de Ferro: Eu penso na minha cabecinha então faço história, eu conto história.

Pesquisadora: E o que é que tem dentro da sua cabecinha?
Homem de Ferro: É cérebro pra eu pensar.

De modo semelhante, Carol (6 anos) também reconhece no cérebro o local em que se originam as criações de suas histórias. No entanto, esse processo de criação seria mediado pelo pensamento, o responsável por estimular em sua mente tais criações, ou as “coisas inventadas”. A esse respeito, Vigotski (1982/1998) afirma a relação entre pensamento racional e imaginação, durante os processos criadores, ao atuar visando determinado objetivo.

Pesquisadora: Como foi que você fez pra criar essa história da Chapeuzinho Vermelho?
Carol: Usa a mente.
Pesquisadora: Você faz o quê com a mente? O que é que tem lá dentro da mente?
Carol: Cérebro. As coisas que eu invento. Que só de eu pensar aqui já vem pra mente. Não é a cabeça não.
Pesquisadora: Como assim? A mente não é a mesma coisa de cabeça?
Carol: Não, porque a cabeça fica o cabelo, a cabeça, o rosto. A mente não, a gente só inventa, a mente... só que ela fica dentro da cabeça.

A medida em que o pensamento se torna mais complexo no processo desenvolvimental, observa-se a criação de imagens mais elaboradas pelos processos imaginativos. Para tanto, é necessário que o indivíduo possua as condições cognitivas para distanciar-se das impressões imediatas da realidade, o que só se torna possível em face do desenvolvimento do pensamento e da linguagem. A esse respeito, Vieira (2015) discute a relação entre imaginação e pensamento racional desenvolvida por Vigotski. A autora evidencia que a própria elaboração de ideias é um ato imaginativo, sendo assim, a imaginação não seria uma função opositora à razão, mas que atua em conjunto ao pensamento racional, possibilitando a construção de imagens mentais e novos pensamentos que se realizam através da atividade criadora. A relação entre imaginação e pensamento também é enfatizada por Chapeuzinho Vermelho (06 anos), em princípio identificando um com o outro, e depois distinguindo:

Pesquisadora: E como você faz para criar essas histórias imaginárias?
Chapeuzinho Vermelho: Eu penso como vai ser a história. Eu vou pensando enquanto eu conto a história, aí depois acaba a história e eu conto outra.
Pesquisadora: E como você faz pra criar os personagens dessas histórias?
Chapeuzinho Vermelho: Usando a imaginação.
Pesquisadora: E a imaginação é o quê?
Chapeuzinho Vermelho: O que a gente pensa.
Pesquisadora: Então a imaginação é igual ao pensamento?
Chapeuzinho Vermelho: É... parecido.
Pesquisadora: Parecido?
Chapeuzinho Vermelho: É um primo do pensamento.

Pesquisadora: Um primo do pensamento? E qual a diferença da imaginação pro pensamento?

Chapeuzinho Vermelho: Porque a imaginação, ela... ela faz as coisas ser divertidas, e o pensamento faz a gente pensar nas coisas que a gente vai falar, a gente pensar nas coisas que a gente vai escrever, a gente pensar como vai ser a letra.

Ao discutir o desenvolvimento da imaginação e do pensamento racional na infância, Vigotski (1930/2009) utiliza um gráfico elaborado por Ribot para exemplificar que, na infância, a imaginação inicia o seu desenvolvimento mais cedo e de modo mais rápido. Um pouco depois, o pensamento racional inicia o desenvolvimento, com um ritmo mais lento. Em certo ponto, a imaginação e o pensamento racional se encontram, e passam a operar juntos na consciência. Contudo, na fase adulta é comum ocorrer um declínio da imaginação, e a racionalidade prevalece sobre os aspectos imaginativos, os incorporando. Com isso, se observa a elaboração de imagens mais enriquecidas nos processos imaginativos, pois para que essas novas imagens sejam criadas, o indivíduo deve ser capaz de distanciar-se das percepções imediatas da realidade e das conexões habituais, o que só se torna possível através do desenvolvimento do pensamento e da linguagem (Vigotski, 1982/2009).

Ainda é observado que Chapeuzinho Vermelho (06 anos) ressalta a capacidade preditiva da imaginação, ao dizer que primeiro ela pensa para depois criar a história. Segundo Pino (2006), essa capacidade preditiva, que consiste na antecipação da ação, do modo de realizá-la e o resultado esperado a partir dela, se origina na imaginação e se expressa através dos atos de criação. Dessa forma, compreende-se que é no campo mental que a criação ocorre e só depois é expressa através dos atos criadores. Contudo, ao mesmo tempo Chapeuzinho Vermelho aponta que, na medida em que está realizando a atividade da contação da história, o processo criador continua a acontecer, assim afirmamos também a articulação entre os processos criadores e as condições materiais de existência, que são base para as criações da criança.

Base cultural para a criação verbal

Um dos aspectos ressaltados pelas crianças é a importância da base cultural para a criação verbal. A esse respeito, Homem de Ferro destaca a importância do aprendizado no desenvolvimento da atividade criadora. Essa colocação da criança vai de encontro às teorias de foco inatista em que a habilidade para a criação de algo novo

seria uma característica pessoal, um talento inato da pessoa criativa. A criança qualifica o aprendizado como basilar dos processos criadores na elaboração de uma história autoral. Esse aspecto é discutido na teoria histórico-cultural, na medida em que Vigotski (1930/2009) afirma que o ímpeto da atividade criadora está relacionado com o ambiente em que a criança se desenvolve.

Oh... primeiro tem que aprender a fazer história. Foi assim que eu consegui fazer história. Ai primeiro tem que aprender, contar uma história diferente, e depois... então depois que você conta de novo, a história tá resolvida. Precisa aprender muito (Homem de Ferro, 05 anos).

As condições históricas e culturais são consideradas como fontes de origem do processo criador, pois a criação que inaugura algo novo no mundo é precedida por um longo processo histórico que fornece as condições atuais para a emergência da criação. Nessa perspectiva, a aprendizagem, enquanto processo educativo da humanidade (Smolka, 2009), proporciona ao indivíduo ancorar-se no que foi desenvolvido até esse tempo histórico, e projetar possibilidades para o futuro. Além do mais, a aprendizagem é responsável por criar zonas de desenvolvimento proximal na criança, colocando em operação processos internos que, quando mediados pelo outro, tornam-se aquisições desenvolvimentais (Vigotski, 1984/2007). Nesse sentido, é através da aprendizagem que o desenvolvimento infantil se realiza.

Outro aspecto destacado pela criança é a importância do acúmulo de experiências: *Então... todo dia que eu for dormir todo mundo conta uma história pra mim, pra eu dormir (Homem de Ferro, 05 anos).* Ao descrever a relação entre imaginação e realidade, Vigotski (1930/2009) afirma que a experiência anterior do indivíduo é utilizada como material nas elaborações imaginativas, quanto maior o acúmulo de experiências do indivíduo, maior também as suas possibilidades de criação. Assim, o contato recorrente com as histórias pode proporcionar a criança o material para compor suas criações. Esse dado também é discutido por Vieira (2015) e Ribeiro (2018) ao afirmarem a importância do acesso das crianças às histórias, a fim de ampliar suas possibilidades de criação.

Na fala de outra criança identifica-se duas motivações que poderiam desencadear os processos imaginativos: o desejo do indivíduo e a inspiração metafísica: *Imaginar geralmente a gente tem o desejo de criar alguma coisa e até Deus pode inspirar a gente pela cabeça a fazer tal coisa e criar, e ai isso que me motiva (June, 07 anos).* Algumas áreas do conhecimento se debruçaram sobre esse segundo aspecto, mas a partir da perspectiva

histórico-cultural gostaríamos de focar no desejo do indivíduo. Silva, Costa e Abreu (2015) discutem que a ação imaginativa da criança no faz-de-conta surge do entrever da necessidade e do desejo, pois nessa atividade a criança pode satisfazer sua necessidade de atuar sobre o mundo adulto e o seu desejo de se apropriar dos elementos culturais. Essa afirmação é corroborada por estudos recentes que demonstraram que as criações das crianças no reconto de histórias e em construções autorais estão relacionadas com o seu desejo (Brito, 2016; Silva, 2019).

Caracterização da atividade criadora verbal

Iniciamos esta seção destacando a fala de uma das crianças ao afirmar que a imaginação é a base de toda criação, pois para criar seria necessário primeiro imaginar: *Imaginação é uma coisa que a gente pensa pra criar outra coisa, só que algumas coisas pode ser invisível, imaginável, mas outras coisas pode ser pra criar alguma coisa importante ou só pra brincar mesmo (June, 07 anos)*. Essa relação entre a atividade criadora e a imaginação foi amplamente argumentada por Vigotski (1930/2009), que diferente das demais teorias que estudavam a imaginação na época, atribuiu a qualidade de criadora à imaginação, ao afirmar que toda criação provém dos processos imaginativos do homem (Vigotski, 1930/2009). Essa ideia central sobre a imaginação também foi observada por Vieira (2015) e Silva (2019) nas expressões das crianças participantes das respectivas pesquisas.

Percebemos na fala da criança a concepção de versatilidade da imaginação, que atua tanto nas criações técnicas, que ele denominou como “coisas importantes”, quanto no desenvolvimento da brincadeira e na construção de aspectos no campo da fantasia, que ele denominou como “coisas invisíveis”. Estas elaborações de June também encontram respaldo nas obras de Vigotski (1930/2009) quando o autor afirma que a imaginação perpassa todos os campos de produção cultural da vida humana, desde as criações artísticas às científicas e técnicas, além do mais toda brincadeira provém de uma situação imaginária (Vigotski, 1984/2007) e, a partir de uma vivência emocional o indivíduo pode criar imagens que não encontram correspondência no campo concreto, integrando apenas o campo da fantasia (Vigotski, 1930/2009).

A inovação outra característica tomada como central da atividade criadora, quando Homem de Ferro (05 anos) afirma que é preciso “*contar uma história diferente*”. A novidade faz com que a nova história seja diferente de outras histórias. De

acordo com Vigotski (1930/2009), a inovação é a diferença fundamental entre a atividade criadora e a atividade reprodutora. Contudo, essa inovação não precisa ser completamente original, mas a própria recombinação de elementos da experiência anterior pela criança já inaugura algo novo. Assim, pensamos que para o desenvolvimento de formas mais enriquecidas de criação é necessário exercitar a capacidade recombinação, tão característica na infância. Nesse sentido, concordamos com Vigotski (1930/2009) ao afirmar que toda inovação provém da atividade criadora do homem, mesmo que ela possua apenas um pequeno elemento ou combinação que a diferencie do material anterior. Além da inovação, a inventividade também é destacada como característica da imaginação por Chapeuzinho Vermelho (06 anos):

Pesquisadora: E você já contou história para alguém?

Chapeuzinho Vermelho: Só pra uma pessoa.

Pesquisadora: Quem foi essa pessoa?

Chapeuzinho Vermelho: Minha amiga. Quando ela contava uma imaginária, eu inventava outra e contava pra ela.

Pesquisadora: E o que é uma história imaginária?

Chapeuzinho Vermelho: Uma história que a gente inventa.

Em sua fala, Chapeuzinho Vermelho denomina as histórias criadas por ela e suas amigas de “histórias imaginárias”, separando essas histórias daquelas que ela lê, ouve e assiste. As histórias autorais corresponderiam ao campo da fantasia, enquanto que as demais não. Essa compreensão acerca da imaginação pode ter origem nas ideias do contexto cultural, em que a imaginação é tratada como opositora à realidade, assim como afirma Silva (2012). O termo “inventar” também foi utilizado pelas crianças na pesquisa de Brito (2016) para se referirem aos produtos da imaginação. A inventividade enquanto característica da imaginação também aparece na fala de June (07 anos):

June: Imaginação foi criada pra fazer coisas que podem não existir, por isso que inventar é igual a imaginação, porque a gente pra inventar alguma coisa é preciso imaginar o que vai inventar.

Pesquisadora: Então, pra criar alguma coisa você precisa primeiro imaginar também?

June: Tipo, se for pra criar uma invenção, vai ter que imaginar como é que vai ser a invenção, vai ter que criar e ver se não tem nenhum defeito.

Para referir-se a algo que ainda não existe no campo concreto, a criança utiliza o termo “inventar”, e afirma que inventar corresponde a imaginar, pois para inaugurar algo novo no mundo é preciso primeiro imaginar. É interessante essa correspondência que a criança estabelece entre esses dois termos, pois para que algo exista no mundo, ele deve existir primeiro na imaginação. Quando Pino (2006) trata da função projetiva da imaginação, o autor afirma que é inicialmente no plano mental que a criação ocorre,

especificamente no campo da imaginação, para depois se realizar nos âmbitos concreto e/ou simbólico. Além do mais, Vigotski (1930/2009) afirma que através da imaginação o homem pode criar algo novo que não corresponda à experiência anterior do indivíduo ou que existisse previamente. A esse tipo de processo mental o autor denominou de “imaginação cristalizada”. Desta forma, Pino (2006) afirma que assim como o real precede o imaginário, o imaginário também precede o real quando são inseridas produções novas no campo da vivência concreta. Em outro momento de sua fala, June (07 anos) volta a destacar a função projetiva da imaginação, ao afirmar que a imaginação está presente em todos os processos que desempenhamos diariamente, especificamente quando precisamos realizar algo no futuro, e com isso projetar nossas ações.

É... imaginação, imaginação a gente usa pra tudo! Tipo, a gente vai imaginar o que a gente vai falar, a gente vai imaginar o que a gente vai fazer, como é que vai ser pra gente dormir, tudinho a gente usa com a imaginação. Até pra construir uma casa eles imaginam como é que pode ficar aquilo se botar tal coisa. Imaginação serve pra isso (June, 07 anos).

Por fim, a criação verbal é compreendida como uma atividade que se desenvolve com a idade, e por isso, característica de crianças maiores: “... quando eu era pequeno eu fiquei desse tamanho aqui ó (gesto com a mão), agora cresci, cresci e aprendi a contar história. Quem é pequeno não sabe contar história e quem é grande sabe contar história” (Homem de Ferro, 05 anos). A imaginação é considerada por Vigotski como um sistema psicológico, dado o seu caráter inter-relacional com o pensamento e a linguagem (Vigotski, 1982/1998). Isso faz com que essas três funções psicológicas influam sobre o desenvolvimento uma da outra. Deste modo, a criança que se encontra no início do desenvolvimento da linguagem racional e do pensamento verbal (Vigotski, 1934/1993), terá maiores dificuldades na formulação de imagens mentais, e conseqüentemente sobre sua atividade criadora.

Na pesquisa realizada por Mozzer (2008), fica clara a diferença na criação verbal entre uma criança de 03 anos e outra de 05 anos. A criança menor reconta e cria histórias de forma espontânea e rápida, com uma grande quantidade de ideias formulando situações inusitadas e fantásticas, mas sem muita preocupação com o nexo de encadeamento entre elas, e a construção lógica de um enredo que faça sentido para o ouvinte. Já na criação verbal da criança maior, foi possível observar que havia uma preocupação em conservar o enredo original da história, fazendo pequenas alterações ao inserir frases de ligação entre os acontecimentos, mas com grande riqueza de detalhes.

Relação entre as atividades criadoras

A relação entre a criação verbal e demais atividades criadoras é um tema pouco encontrado na literatura, mas que duas crianças abordaram em suas falas. A primeira correspondência é observada na fala de Homem de Ferro (05 anos), estabelecendo uma relação entre a criação verbal e o desenho. Ao descrever o seu processo de aprendizagem para se tornar um contador de histórias e poder elaborar histórias autorais, Homem de Ferro (05 anos) sugere o desenho como um elemento constituinte na atividade criadora verbal da criança. A criança sinaliza a interrelação entre o desenho e a criação verbal, dizendo que primeiro deve-se desenhar para depois formular uma história. Segundo Costa (2012), na produção gráfica de crianças pequenas, observa-se a ação conjunta entre a narrativa e brincadeira.

Pesquisadora: Tem que aprender muito? E como é que aprende a contar história?

Homem de Ferro: Pega a TV assim com umas coisas verdes e pega os lápis e desenha todas as histórias. Então... você aprende a contar história. É assim.

Pesquisadora: A gente aprende a contar história desenhando?

Homem de Ferro: É... um desenho bem legal. Entendido?

Pesquisadora: Foi assim que você aprendeu a contar história? Você desenhou primeiro e depois você começou a contar?

Homem de Ferro: Foi. (incompreensível) Na minha escola eu desenhei, desenhei... se lembra? Fui pra minha escola e desenhei um avião? Então eu aprendi a contar história desse jeito, que eu não sabia contar história, agora aprendi.

Outra correspondência entre as atividades criadoras foi estabelecida por Carol (05 anos), ao expressar a relação entre a criação verbal e o faz-de-conta. A criança relatou que realizava a criação de histórias durante momentos de brincadeira com suas bonecas, e que essa elaboração se une ao faz-de-conta no desenvolvimento da brincadeira. Observamos que a criança destaca a necessidade de organizar os brinquedos no espaço com os elementos que compõem o faz-de-conta, para que possa iniciar a construção narrativa da história. Essa relação entre a narrativa e o faz-de-conta na atividade criadora da criança deve ser melhor investigado por pesquisas posteriores, assim como apontou Costa (2012), principalmente quando o brinquedo entra em cena, pois “ao mesmo tempo em que a criança narra, ela brinca” (Costa, 2012 p. 64).

Pesquisadora: E quando você tá brincando de boneca ou de comidinha, que você cria essas histórias, como você faz para criar elas?

Carol: Tipo, pra criar as histórias eu uso a minha mente primeiro. Ai eu arrumo a casa da barbie pra não ficar bagunçada, às vezes tem até coisa da caminha dela, ai eu coloco, coloco a comidinha. Ai eu começo a história, faço de tudo.

Recursos de apoio para a atividade criadora verbal

Ao falar sobre os recursos materiais que poderiam servir como auxílio na atividade de contar histórias, Carol (06 anos) identifica o próprio corpo como o recurso na representação dos personagens, a partir de pequenos movimentos desenvolvidos com suas mãos:

Pesquisadora: Quando você conta essas histórias para essas pessoas, você usa algum brinquedo, algum objeto para contar?

Carol: Não, eu só fico contando. Às vezes eu uso a minha mão.

Pesquisadora: Sua mão?

Carol: Unhum, mas ninguém conseguiu entender nada.

Pesquisadora: E por que você usava sua mão?

Carol: Eu fazia bonequinho.

Pesquisadora: Bonequinho? Como assim? Não entendi.

Carol: Aqui é o pé, aqui a mão, e ficava andando, mexia, usando só esses dois aqui. Ai fazia (enquanto fala a criança demonstra o movimento com a mão).

Ao investigar a dimensão corporal das crianças na atividade narrativa, Costa (2012) observou que o corpo das crianças participantes se organizava para configurar a narrativa, e com isso, compunha o processo imaginativo. Essa dimensão também é discutida por Almeida (2018), que destaca o corpo como lugar de expressão e representação de papéis no faz-de-conta da criança. A autora afirma que nos movimentos corporais são performados os processos simbólicos durante a construção lúdica do faz-de-conta, ou seja, são movimentos que detêm significação. Ao investigar a utilização de recursos linguísticos na configuração de papéis durante o faz-de-conta por crianças surdas, Souza e Silva (2010), demonstraram que a articulação entre o corpo e a língua de sinais aumenta as possibilidades de composição dos processos imaginativos no faz-de-conta. Além do mais, “o corpo e seus gestos formam parte constitutiva da brincadeira, permitindo a interpretação de quem brinca (personagens em interação), do que se brinca, como se brinca e para quem se brinca” (p. 07).

Por fim, outro recurso mencionado por June (07 anos) foi a importância da mediação nos processos criadores. Sendo a imaginação um sistema psicológico que é antes social para depois tornar-se individual a partir do processo de internalização mediado pelos sistemas semióticos criados pelo homem, essa mediação ocorre essencialmente através das relações sociais, ou seja, do outro. Assim, o desenvolvimento da imaginação, e os processos que a integram, como a atividade criadora, só é possível através das relações sociais, que implica na existência e participação do outro.

Pesquisadora: E pra criar essas histórias, tem alguma coisa que lhe ajuda a criar, a imaginar essas histórias?

June: Não tem nada que me ajude. Eu mesmo que vou lá e faço, não preciso de... quer dizer, às vezes eu preciso que alguém me ajude, não alguma coisa, alguém. Entendeu?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar a temática da atividade criadora de crianças, especificamente no campo da criação verbal, considerou-se a importância de ouvir as vozes das crianças e suas interpretações acerca do tema. Embora algumas pesquisas tragam as percepções das crianças sobre os processos criadores, a identificação de tais posicionamentos é expressa em meio a resultados que tratam de outros objetivos de pesquisa. Deste modo, entende-se a necessidade de compreender a significação construídas pelas crianças sobre as atividades desenvolvidas por elas.

Os resultados demonstraram que as crianças elencaram importantes aspectos sobre a criação verbal, que ganham ressonância na fundamentação teórica utilizada neste trabalho: aprendizagem, acúmulo de experiência, inovação, inventividade, base orgânica para a criação, utilização do corpo e da mediação como recurso, relação entre o pensamento e os processos imaginativos, capacidade preditiva da imaginação, imaginação como base para a criação, relação entre a imaginação e a realidade, versatilidade da imaginação, e a aproximação da atividade da contação de histórias com o desenho e o brincar no faz-de-conta. Um dos aspectos destacados pelas crianças e que deve ser melhor investigado, é a relação entre as atividades criadoras durante os processos de criação. Tradicionalmente essas atividades são estudadas em separado nas investigações científicas, e aparecem também em separado na literatura. Contudo, as crianças apontaram uma possível articulação entre elas, cabendo às pesquisas futuras compreenderem no que as atividades criadoras se assemelham, e no que se diferenciam.

Por fim, este estudo evidenciou que as concepções infantis sobre a criação verbal estão fundamentadas em uma teoria psicológica do desenvolvimento imaginativo, demonstrando que as crianças sabem mais sobre si e sobre seus processos do que podemos supor. É importante finalizar ressaltando que uma vez que a produção imaginativa se torna mais complexa na medida em que o indivíduo acessa mais recursos da cultura, e dispõe de mais material para as suas criações, assegura-se a importância de proporcionar à criança situações que possam contribuir para a ampliação da sua experiência, enriquecendo a imaginação.

REFERÊNCIAS

- Almeida, B. P. (2018). *De espectadora a criadora: a criança como protagonista de seus processos de desenvolvimento na cultura midiática* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em processos de desenvolvimento humano e saúde, Universidade de Brasília).
- Brito, L. (2016). *Literatura, memória e imaginação: as crianças e as leituras de histórias na educação infantil* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica, PUC-Campinas).
- Costa, M. (2012). *O papel do corpo nas práticas de letramento: um estudo sobre as atividades criadoras na infância*. (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em processos de desenvolvimento humano e saúde, Universidade de Brasília).
- Creswell, R. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* (3a ed) Porto Alegre, RS: Artmed.
- Delgado, A. & Muller, F. (2005). Sociologia da infância: pesquisa com crianças. *Educ. Soc.* Campinas, 26, n. 91, p. 51-360. Recuperado de: <http://www.cedes.unicamp.br>.
- Delgado, P. (2019). O estudo de caso na investigação qualitativa: do desenho à aplicação. *Revista InterAção*, 10(1), 81-90. Recuperado de: <https://doi.org/10.5902/2357797536617>.
- Filho, A. & Barbosa, M. (2010). Metodologias de pesquisa com crianças. *Revista Reflexão e Ação* (v.18, n2, p.08-28). Recuperado de <http://dx.doi.org/10.17058/rea.v18i2.1496>
- Girardello, G. (2011). Imaginação: arte e ciência na infância. *Pro-Posições*, 22(2), 72-92. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0103-73072011000200007>.
- Góes, M. (2000). A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cadernos CEDES*, 20(50), 9-25. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622000000100002>.
- Jovchelovitch, S., Priego-Hernandes, J., & Glăveanu, V. (2018). Imagination in children entering culture In T. Zittoun & V. Glăveanu, *Handbook of imagination and culture*, New York, NY: Oxford University Press.
- Mozzer, G. (2008). A criatividade infantil na atividade de contar histórias: uma perspectiva histórico cultural da subjetividade. (Tese de Doutorado, Universidade de Brasília).
- Pino, A. (2006). A produção imaginária e a formação do sentido estético. Reflexões úteis para uma educação humana. *Pro-Posições*, 17(2), 47-69. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643628>.

- Ribeiro, A. (2018). *Literatura infantil e desenvolvimento da imaginação: trabalho modelado como ferramenta de ensino do argumento narrativo*. (Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita filho”).
- Silva, D. N. H. (2012). *Imaginação, criança e escola*, São Paulo, SP: Summus.
- Silva, D., Costa, M. & Abreu, F. (2015). *Imaginação no faz de conta: o corpo que brinca*. In: D. Silva, & F. Abreu, *Vamos brincar de quê? Cuidado e educação no desenvolvimento infantil*, São Paulo, SP: Summus.
- Silva, K. (2019). *O desenvolvimento subjetivo na infância: histórias, invencionices e peraltagens* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília).
- Smolka, A. L. (2009). In Vigotski, L. S. (2009). *A imaginação e a criação na infância: Ensaio Psicológico: livro para professores*. São Paulo: Ática.
- Silva, D. N. H. (2006). *Imaginação, criança e escola: processos criativos na sala de aula* (Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas).
- Sousa, E. (2015). *As crianças e a etnografia: criatividade e imaginação na pesquisa de campo com crianças*. *Illuminuras*, 16(38) 140-164. Recuperado [de https://doi.org/10.22456/1984-1191.57434](https://doi.org/10.22456/1984-1191.57434).
- Souza, F., & Silva, D. (2010). *O corpo que brinca: recursos simbólicos na brincadeira de crianças surdas*. *Psicologia em Estudo*, 4(15), 705-712.
- Vieira, D. (2015). *A imaginação na produção narrativa de crianças: contando, recontando e imaginando histórias* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em educação, Universidade de Brasília).
- Vigotski, L.S. (1993). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1934).
- Vigotski, L. S. (1998). *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1982).
- Vigotski, L. S. (2007). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores* (7ª ed) São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1984).
- Vigotski, L. S. (2009). *A imaginação e a criação na infância: Ensaio Psicológico: livro para professores*. São Paulo: Ática. (Trabalho original publicado em 1930).